

AUMENTATIVOS E DIMINUTIVOS EM PORTUGUÊS ARCAICO: DISCUSSÃO SOBRE O ESTATUTO PROSÓDICO DESSAS FORMAS

Thais Holanda de Abreu¹

RESUMO: Este estudo tem como objetivo principal discutir e analisar o estatuto prosódico das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico (PA) como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais) a partir da análise de processos morfofonológicos desencadeados pela adjunção dos sufixos de grau *-inno* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo, a bases nominais, em PA.

Palavras - chave: Aumentativos; Diminutivos; Cantigas Medievais; Prosódia

Introdução

O objetivo principal deste trabalho² é o estudo das formas aumentativas e diminutivas no Português Arcaico (doravante, PA), a partir da adjunção dos sufixos de grau *-inno(a)* e variações, para o diminutivo, e *-on(a)*, para o aumentativo. Através do mapeamento nas cantigas religiosas (*Cantigas de Santa Maria*, doravante CSM) e profanas (*Cantigas de escárnio e maldizer* - CEM³) de fenômenos prosódicos desencadeados pela adjunção desses sufixos específicos, podemos descrever e discutir, baseados na teoria da Fonologia Não-Linear, o estatuto prosódico dos nomes aumentativos e diminutivos em PA como formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Portanto, o foco deste trabalho incide sobre a tentativa de delimitar o *status* fonológico e prosódico de formas linguísticas (no caso, os diminutivos e aumentativos) de um período da língua portuguesa no qual não é mais possível encontrar falantes nativos vivos.

1. Corpus e metodologia

O corpus utilizado para este estudo é constituído das 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria (Cantigas de Santa Maria - CSM), compostas na segunda metade do século XIII e com autoria atribuída a D. Afonso X, rei de Leão e Castela, e pelas 431 cantigas de escárnio e maldizer, compostas com a finalidade de dizer mal de alguém e lubridiar os vícios da corte. Segundo Massini-Cagliari (2005, p.45), as cantigas de escárnio e maldizer diferem umas das outras apenas pela forma como fazem a difamação: coberta ou descoberta, ou seja, se a cantiga falava mal diretamente de alguém era de escárnio, caso contrário era de maldizer.

¹Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara. Bolsista FAPESP, Processo número: 2011/18933-8.

² O estudo aqui exposto representa uma parte de um trabalho de dois anos que resultou na dissertação de mestrado da autora.

³ Abreviatura que será utilizada de agora em diante referindo-se às cantigas de escárnio e maldizer, embora não corresponda, como no caso das CSM, ao título de nenhuma compilação feita na época medieval.

As cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria chegaram até nós por meio de quatro manuscritos antigos,⁴ conhecidos como códices - E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou código dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (código rico ou código das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (código de Florença) – que forma um conjunto com o código Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o código T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas. Atualmente, dois desses códices são guardados na Biblioteca do Escorial (E e T), um na Biblioteca Nacional de Madrid (To) e outro na Biblioteca Nacional de Florença (F).

Em relação às cantigas de escárnio e maldizer sabe-se que são composições que reúnem não somente as sátiras literárias ou maledicências pessoais, mas também as sátiras morais, políticas, assim como os prantos, as tenções e as paródias. Segundo Lanciani e Tavani (1998, p. 9), as cantigas de escárnio e maldizer são o terceiro dos gêneros canônicos produzidos por trovadores e indubitavelmente o menos homogêneo e o mais difícil de identificar e definir.

Assim como as cantigas religiosas, as de escárnio e maldizer chegaram até nós por meio de dois manuscritos antigos, os quais também possuem edições fac-similadas que podem ser acessadas pelos pesquisadores do Grupo “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”. Um deles é o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, conhecido também pelas abreviaturas B ou CNB e denominado antigamente de *Cancioneiro Colocci Brancuti*. Segundo Massini-Cagliari (2007, p.16), esse cancionero é o mais completo entre os três existentes com cantigas profanas galego-portuguesas, pois além de conservar o maior número de textos e autores é o único que apresenta a *Arte de Trovar*. O outro manuscrito é o *Cancioneiro da Vaticana*, conhecido pelas abreviaturas V ou CV. De acordo com Massini-Cagliari (2007, p.22), possui muitas afinidades com o *Cancioneiro Nacional da Biblioteca de Lisboa*, pois se acredita na hipótese de que os copistas de ambos os cancioneros tenham trabalhado simultaneamente a partir de um único exemplar original distribuído em cadernos.

Nossa escolha pelas cantigas medievais como *corpus* de pesquisa em PA justifica-se porque, além de ser parte do *corpus* do grupo de pesquisa ao qual este projeto está vinculado - *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*.⁵, elas são uma das fontes mais ricas do galego-português (Cf. Massini-Cagliari, 2005, Mettmann, 1986, 1988, 1989, Parkinson, 1998 e Vaz Leão, 2007). Segundo Leão (2007, p. 152-153), as CSM constituem, ao lado das cantigas de escárnio e maldizer, o testemunho poético em galego-português mais rico do ponto de vista lexical. Além disso, embasando-se em Mattos e Silva (2006, p.37) os textos líricos são os mais ricos para o estudo da fonética prosódica da língua e seus dados, essenciais para o conhecimento do léxico do PA:

O fato de serem poemas de estrutura formal em versos rimados os torna fundamentais, no que concerne a estudos de história da língua,

⁴O Grupo de Pesquisa *Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro*, ao qual a autora deste trabalho está ligada, constituído por alunos de graduação e pós-graduação na UNESP/Araraquara e coordenado pela Prof^a.Dr^a. Gladis Massini-Cagliari, tem acesso aos microfilmes desses manuscritos e também a duas edições fac-similadas das *Cantigas de Santa Maria*.

⁵ Grupo de pesquisa registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenado pela orientadora do presente trabalho, Prof^a Dr^a Gladis Massini-Cagliari, que tem como objetivo a descrição de aspectos fonológicos da Língua Portuguesa no período arcaico, em especial o trovadoresco.

para o conhecimento de fatos fonéticos desse período, como sejam, por exemplo, questões referentes aos encontros entre vogais (hiatos/ditongos), ao timbre vocálico (abertura/fechamento), vogais e ditongos nasais/orais. A morfologia tanto a nominal como a verbal também tem nessa documentação uma fonte fundamental (MATTOS E SILVA, 2006, p.37).

Tomando como base o ponto de vista de Mattos e Silva (2006), é imprescindível destacar a importância das *Cantigas de Santa Maria* e das cantigas profanas como *corpus* de um estudo em fonologia, pois apenas *corpora* poéticos podem revelar fenômenos de natureza prosódica. Segundo Massini- Cagliari (1999, p.142),

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos [...] de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha de material entre material poético e não poético para constituição do corpus não se coloca. Como os textos remanescentes em PA são todos registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações [...] a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p.142).

Sendo assim, a estrutura métrica de textos poéticos nos revela os limites entre as sílabas das palavras e a localização dos acentos em cada verso, tomando como ponto de partida a observação de como o poeta conta as sílabas poéticas. Logo, com a localização de acentos poéticos, pode-se supor a localização do acento nas palavras naquele período (PA), nos permitindo formular hipóteses, sobretudo a respeito das formas diminutivas e aumentativas (foco deste estudo) serem no PA, simples ou compostas.

Partindo da reflexão feita anteriormente que nos mostra que a forma mais adequada de analisar fenômenos prosódicos de um período passado da língua se dá por meio de textos poéticos metrificados, escolhemos como metodologia para este estudo uma similar à proposta por Massini-Cagliari em seus trabalhos de 1995 e 2005 - através da escansão dos versos em que se encontravam as ocorrências mapeadas, pudemos localizar o acento poético e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação da estrutura prosódica das formas aumentativas e diminutivas de um período da língua em que não existem mais falantes nativos vivos. Baseamos-nos ainda nos trabalhos de Massini-Cagliari (1995, 1999) quando precisamos, em algum momento de nosso trabalho, mostrar o padrão acentual vigente em PA. Além de nos apoiarmos no método proposto pela autora acima, utilizamos também uma pequena parte da metodologia de Mistieri (2010), que trabalha com textos poéticos do tupi antigo, adaptada às características próprias da metrificação em PA pelos trovadores medievais.

Com relação à metodologia de Mistieri (2010), utilizamos na análise de alguns de nossos dados o conceito de “verso-chave” desta autora. Segundo ela (MISTIERI, 2010, p.8, grifo nosso),

um verso - chave é aquele que a sua estrutura é preferencialmente constituída por sílabas CV (consoante-vogal), V (vogal), CVC (consoante- vogal-consoante), ou versos nos quais não ocorre nem um tipo de ditongação ou encontro vocálico, fazendo assim com que esse não deixe dúvidas quanto a sua divisão silábica, **além de servir como parâmetro para a escansão dos demais versos** (MISTIERI, 2010, p.8, grifo nosso).

Vejamos agora um exemplo da aplicação da metodologia utilizada:

(1) Cantiga 147: Como hũamoller pobre deu saovella a guardar a um ovelheiro...

A/ ques /ta/ mo/ ller / mes/ quỹ /a	2-5-7
de/ quan /to/ pu /d' a/che/ gar	2-4-7
con/ prou / hũ/a / o /ve/ llỹ /a	2-5-7
e/ foy /-a/ dar / a/ guar/ dar	2-4-7
a/ um / pe/gu/ rei /r' a/ gỹ /a;	2-5-7

(METTMANN, 1988, p.131)

No exemplo (1), verificamos a presença do vocábulo diminutivo *ovellỹa* (“ovelhinha”), que está em posição de rima, o que indica que esta palavra é “portadora do acento principal” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1998, p.97). Através da metrificação poética, sabemos que tal ocorrência possui acento primário na sílaba *llỹ*, uma vez que esta sílaba é uma das tônicas no verso.

Para marcarmos as sílabas tônicas das palavras que não estão em posição de rima utilizamos a metodologia de Mistieri (2010), já exposta anteriormente. Sendo assim, no exemplo (1) escolhemos um “verso-chave”, ou seja, um verso com relação ao qual não há dúvidas quanto à silabação e à localização dos acentos poéticos: “e/ **foy**/-a/**dar**/ a/ guar/**dar**”. Neste verso, marcamos as sílabas tônicas em 2 e 4, pois, tomando como base Cunha (1961, p. 43), temos monossílabos tônicos. Por fim, marcamos a sílaba tônica em 7, pois, além de a palavra “guardar” estar em posição de rima, apresentando o acento principal, ela segue o padrão acentual das oxítonas para o PA (cf. Massini-Cagliari, 1995, 1999) - sílaba pesada na última posição atrai o acento principal e único da palavra.

Portanto, a partir do exemplo apresentado, podemos afirmar que tal exemplo trouxe evidências para tentarmos determinar o estatuto prosódico das formas diminutivas do período arcaico.

2. Embasamento teórico: O acento primário *versus* o acento secundário

O acento primário ou acento de palavra é o acento atribuído no léxico, ou seja, no momento de formação de uma palavra. Por exemplo, se pronunciarmos isoladamente uma palavra como “cafezinho”, veremos que há um acento primário ou principal na sílaba *zi*.

Por outro lado, o acento secundário é uma proeminência prosódica que pode ocorrer ou por efeito das regras de euritmia da língua - uma sequência muito longa de sílabas átonas não é aceitável em Português e, por isso, algumas dessas sílabas passam a ter um reforço extra (cf. Massini-Cagliari e Cagliari, 2001, p.114), como em palavras do tipo de “Àraraquára” ou “Pindamònhangába” - oupor fatores lexicais em derivados dos sufixos *-íssim(o,a)*, *-mente* e *-zinh(o,a)*. Neste último caso, a língua tende a evitar dois acentos adjacentes⁶: o do radical derivacional (que é deslocado para a esquerda) e o do sufixo. Um bom exemplo encontramos na palavra “càfezinho”, que como já sabemos,

⁶ Quando há esse encontro, denominado pela literatura especializada de choque acentual ou *stress clash*, a Fonologia Métrica propõe a Regra Mova α , que desloca um acento de uma posição de choque para uma de não-choque (cf. Hayes, 1995).

possui acento primário na sílaba *zi* do sufixo *-zinh(o)* e na sílaba *fé* do radical derivacional. Sendo assim, o encontro de *fé* e *zíé* rejeitado pelo sistema da língua e o acento da sílaba mais à esquerda é deslocado e transformado em uma proeminência secundária: o acento secundário.

Sobre o acento secundário ainda, Collischonn (1994, p.44) e Costa (2006, p. 51) afirmam que este é ritmicamente distribuído, isto é, ocorrem em intervalos regulares. Para Collischonn (1994, p.44), este intervalo depende do número de sílabas pretônicas:

Nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é par, o padrão é sempre este: a primeira sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à direita desta. Nas palavras em que o número de sílabas pretônicas é ímpar, observamos dois padrões possíveis: (a) a segunda sílaba é acentuada e cada segunda sílaba à direita desta; ou (b) a primeira sílaba é acentuada e o acento seguinte somente cai sobre a terceira sílaba à direita desta. (COLLISCHONN, 1994, p.44)

Como exemplo de palavra com número par de sílabas pretônicas com acento secundário na segunda sílaba temos “dètétive”. Já como exemplo de palavras com número ímpar de sílabas pretônicas temos “àcondicionaménto” ou “acòndicionaménto” e “incomunicabilidáde” ou “incòmunicabilidáde”.

Portanto, segundo Collischonn (1994, p.44), o acento secundário no PB “apresenta uma alternância binária”. Esta mesma estudiosa realiza ainda algumas considerações sobre esse tipo de acento. Segundo ela, o acento secundário não é atraído por sílabas pesadas (terminadas em consoante ou *glide*), como podemos conferir em “làgartíxa”. Sendo assim, ele difere do primário, que depende do peso silábico no momento de sua atribuição (cf. os trabalhos de Bisol, 1992, Massini-Cagliari 1995, 1999). Outra consideração feita por Collischonn diz respeito ao fato de o acento secundário ter aplicação no componente pós-lexical, uma vez que “cada membro traz o seu acento de Léxico e não há perda deste acento. [...] A regra do acento secundário poderá então aplicar-se, respeitando os acentos já existentes” (COLLISCHONN, 1994, p.50).

Assim como Collischonn (1994), Costa (2010) também expõe sobre a questão do peso silábico no momento da atribuição do acento secundário, porém para o Português Arcaico (período focado por esta pesquisa). Para o autor,

o peso silábico não exerce nenhum tipo de influência sobre a ocorrência do acento secundário, uma vez que o mesmo pode recair tanto em sílabas travadas (a.cos.tu.ma.do, al.ber.ga.ri.a) como em sílabas não travadas (a.fá.zen.da.da, a.pa.re.çu.do). Conclui-se, então, que apenas o acento primário é atraído pelo peso silábico, o qual não exerce atração sobre o acento secundário. (COSTA, 2010, p. 180)

Considerando que o acento secundário não é atraído por sílabas pesadas, podemos afirmar, concordando com Collischonn (1994, p.46), que o acento secundário não é atribuído pela mesma regra do acento primário.

3. O estatuto prosódico dos nomes aumentativos e diminutivos em PA: breve descrição do comportamento acentual dessas formas nas cantigas medievais

Antes de iniciarmos nossa reflexão, é preciso compreendermos que, para definirmos se determinadas formas linguísticas possuem apenas o acento de palavra

(formas simples) ou o acento de palavra e um acento secundário (formas compostas) devemos recorrer à delimitação e definição de palavra fonológica (ω).

A maioria dos estudiosos da área da Fonologia Prosódica é unânime em dizer que o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica. Segundo Vigário (2001, p.23), “*A prosodic word must bear one and only one (word) primary stress*”. Nespor e Vogel (1986) também pensam da mesma forma em sua análise para o Italiano: “*Since a phonological word may contain at most one primary stress, the data [...] show that suffixes form one ω with the stem, while [...] in compound word there must be two ω s*” (NESPOR; VOGEL, 1986, p.130). Sendo assim, o critério de delimitação e definição de uma palavra prosódica está relacionado ao número de acentos que determinado vocábulo possui.

Considerando o critério exposto anteriormente, podemos agora iniciar nossa análise sobre o *status* fonológico dos nomes aumentativos e diminutivos no período arcaico do português. Primeiramente, exporemos a seguir uma tabela com os processos mapeados nas cantigas medievais:

	<i>-inn(o,a)</i>		<i>-cinn(o,a)</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
Afixação/Justaposição	43	98%	7	64%
Epêntese	---	---	3	27%
Espraiamento da nasal	1	2%	---	---
Desvozeamento da alveolar	---	---	1	9%
Total	44	100%	11	100%

Tabela 1. Processos envolvendo as ocorrências de diminutivo em PA separados por sufixo

A tabela 1 acima nos revela que o processo mais produtivo mapeado com as formas diminutivas em *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)* nas CSM foi o de afixação/justaposição⁷ (98% das ocorrências mapeadas). Foram mapeados também os processos de desvozeamento da alveolar, epêntese e espraiamento da nasal (2% dos casos), como mostra a tabela abaixo. Devido à grande ocorrência dos casos de afixação, daremos destaque apenas para a análise do acento nesse processo.

Utilizando-nos da teoria da Fonologia Lexical (FL), teremos a seguinte estrutura de formação para os diminutivos com o sufixo *-inn(o,a)* em PA:

(2) Léxico

[fremos]+ i/ u → Adjunção (Morfologia)

[fre.mo.si./u] → Silabificação (Fonologia)

(x .)

fre.mo.sí. /u → Acento

⁷ Alguns autores, como Monteiro (2002) e Prado (2010), adotam esse termo para designar a afixação derivacional, ou seja, o ato apenas de justapor os sufixos sem provocar mudanças de ordem morfofonológica. A literatura linguística em geral (cf. BECHARA, 1980; CUNHA, 1970; DUBOIS, 1973; VILLALVA, 2003) se utiliza do termo *justaposição* para se referir apenas ao processo de justapor palavras nos nomes compostos. Porém o termo *justaposição* neste trabalho é utilizado na acepção dada por Monteiro (2002) e Prado (2010), ou seja, não é uma nomenclatura para nomes compostos, mas sim para denominar a junção de morfemas em processos derivacionais que não sofrem mudanças morfofonológicas.

/fremosi/ u/ → Nome (output)

Em (2), observamos que primeiramente ocorre a adjunção do radical + o sufixo formador do diminutivo, ou seja, tem-se início o processo de afixação. Posteriormente, verificamos o processo de silabificação, de flexão de número e gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário). No processo de afixação dos diminutivos em *-inn(o,a)* no PA, verificamos que a Regra de Atribuição do Acento ocorre no interior dessas palavras, *fremos-* + *-ínn(o,a)* = *fremosínn(o,a)*, uma vez que, como pudemos observar na subseção, tal sufixo se adjunge entre tal base e a sua respectiva VT. Portanto, *-inn(o,a)* ocorre no interior de uma palavra e essa dependência estrutural nos indica que as ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)* carregariam apenas o acento de palavra. Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica — o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica —, podemos inferir que as formas diminutivas em *-inn(o,a)* que passaram pelo processo de afixação possuem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos permitindo afirmar que tais formas são simples.

Observemos agora um processo de afixação/justaposição com uma ocorrência com o sufixo *-cinn(o,a)*:

(3) **Léxico**

[jude]	[u]	[ci]	[u]	
—		—		→ Afixação
[judeu]		[ci]	/u	→ Flexão
ju.deu		ci.	/u	→ Silabificação
(x)		(x .)		
ju.déucí.	/u	→ Acento Lexical (primário)		
[judeuci]	/u	→ Formação do composto		
(x)	→ Acentuação composto
(x)		(x .)		
judeucinno				
/jùdeuci/	/u/	→ Output		

Em (3), diferentemente de (2), observamos que não ocorre uma afixação ou adjunção antes da silabificação. A palavra “judeu” e o sufixo *-cinn(o,a)* seguem percorrendo o léxico de forma autônoma até a atribuição do acento lexical. Dessa forma, percebemos que ambos os elementos agem de forma similar a uma palavra independente, com acento lexical individual. Utilizando-nos do critério de Vigário (2001), que delimita o número de palavras prosódicas por meio da quantidade de acentos, podemos afirmar que nas ocorrências com o sufixo *-cinn(o,a)*/*-zinn(o,a)* teríamos duas palavras fonológicas. Portanto, a Regra de Atribuição do Acento nos diminutivos em *-cinn(o,a)* em PA é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT \emptyset), e, sendo assim, teríamos uma forma composta (com duas ω): *judéu* + *cínno(o)* = *jùdeucínno*.

Vejamos agora a tabela que aponta os processos envolvendo as ocorrências de aumentativo em PA. Assim como nos diminutivos, daremos destaque apenas para a análise do acento no processo mais produtivo (afixação/justaposição), devido à grande ocorrência de casos nesse processo (90% das formas aumentativas mapeadas).

	<i>-on(a)</i>	
	quantidade	%
Afixação/Justaposição	45	90%
Amolecimento da velar	4	8%
Vozeamento da dental	1	2%
Total	50	100%

Tabela 2. Processos envolvendo as ocorrências de aumentativo em PA

Tomando como base a FL, teremos a seguinte estrutura de formação para os nomes aumentativos que passaram pelo processo de afixação:

(4)
 [citol]+ on → Adjunção (Morfologia)
 [ci.to.lon] → Silabificação (Fonologia)
 (x)
 ci.to.lón → Acento
 /citolón/ → Nome (*output*)

Assim como a ocorrência exemplificada (*citolon-* guitarra grande), mapeamos no *corpus* utilizado mais quarenta palavras com o sufixo *-on(a)* e que também passaram pelo processo de formação apresentado em (4). Esses vocábulos iniciam o processo de formação com a adjunção do sufixo aumentativo e o conclui logo depois da atribuição do acento no léxico.

Em (4), observamos que a adjunção do radical + o sufixo formador do aumentativo, ou seja, o processo de afixação ocorre antes da silabificação. Verificamos ainda o processo de flexão de número e gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário). Assim como nos diminutivos em *-inn(o,a)*, a Regra de Atribuição do Acento nos aumentativos em PA é aplicada no interior da palavra (*citol-* + *-ón* = *citolón*). Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica — o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica —, podemos inferir que as formas aumentativas em *-on* possuem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos permitindo afirmar que tais formas são simples. Se tal acento é atribuído no interior dessas palavras, logo essas formas seriam formadas no léxico desde o PA.

Conclusão

A análise das formas aumentativas e diminutivas em Português Arcaico nos permitiu concluir que tanto as formas aumentativas como as formas diminutivas em *-inn(o,a)* são formas simples, uma vez que a Regra de Atribuição de Acento nessas formas ocorre em seu interior e, devido a isso, pode-se afirmar que os aumentativos e os diminutivos em *-inn(o,a)* teriam apenas uma palavra fonológica com um único acento. Por outro lado, os diminutivos em *-cinn(o,a)* apresentaram comportamento prosódico um tanto diferenciado dos aumentativos e dos diminutivos em *-inn(o,a)*. Constatou-se que a Regra de Atribuição do Acento é aplicada entre formas

independentes: *judéu* + *cínn(o)* = *jùdeucínno* e que, consequentemente, tais formas possuíam dois acentos, permitindo-nos denominá-las formas compostas.

Referências

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro, Lucerna, 1980.
- BISOL, L. O acento e o pé métrico binário. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.22, 1992, p. 69-80.
- COLLISCHONN, G. Acento secundário em Português. In: BISOL, L (org.) *Fonologia: Análises não-lineares. Letras de Hoje*: Porto Alegre, v.29, n.4, 1994, p. 43-53.
- COSTA, D.S. da. *A interface música e linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do Português Arcaico*. 2010. 200f. Tese (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.
- _____. *Estudo do Acento Lexical no Português Arcaico por meio das Cantigas de Santa Maria*. 2006. 163f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.
- CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Minas Gerais: Editora Bernardo Álvares, 1970.
- DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- HAYES, B. *Metrical Stress Theory: Principles and Case Studies*. Chicago, London: University of Chicago Press, 1995.
- LANCIANI, G.; TAVANI, G. *A cantiga de escarnho e maldizer*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.
- LAPA, M. R. *Cantigas d'Escarnho e Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Portugueses*. 3ª edição ilustrada. Lisboa: João Sá da Costa, 1998. 1ª edição: 1965.
- LEÃO, A.V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cancioneiros medievais galego-portugueses*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *A música da fala dos trovadores. Estudos de Prosódia do Português Arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. 348f. Tese (Livre Docência em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2005.
- _____. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- _____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. 300f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1995.
- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L.C. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. v. 1, p. 105-146.
- _____. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. In: *Revista da Anpoll*, n.5. São Paulo, 1998, p.77-105.
- MATTOS E SILVA, R. V. *O Português Arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.
- METTMANN, W. (Ed.). *Cantigas de Santa María (cantigas 261 a 427): Alfonso X, el Sabio*. Madrid: Castalia, 1989 (volume III).

- _____. *Cantigas de Santa María (cantigas 101 a 260)*: Alfonso X, elSabio. Madrid: Castalia, 1988 (volume II).
- _____. *Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100)*: Alfonso X, elSabio. Madrid: Castalia, 1986.
- MISTIERI, F.R. *O acento em tupi antigo*. 2010. Monografia de Conclusão de Curso (Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.
- MONTEIRO, J.L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- PARKINSON, S. As *Cantigas de Santa Maria*: estado das cuestións textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, 1998, p. 179-205.
- PRADO, N.C. *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento :um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro*. 2010. 190f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.
- VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. 2001. 412f. PhD Dissertation- University of Lisbon, Lisboa, 2001.
- VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS. M.H.M; BRITO, A.M; DUARTE, I; FARIA, I.H. *Gramática da Língua Portuguesa*. Portugal: Editorial Caminho, 2003, p. 979-980.